


# Entre ciência, espiritualidade e sonhos: Conversando com Jaider Esbell sobre a arte indígena contemporânea

 10.64493/INV.22.1

Paulo Thadeu Franco das Neves  
(Paulo Thadeu Kai'kan)  
Povo Macuxi, RO, Amazônia -  
Brasil

artigo recebido: 7.03.2026  
artigo aceite para publicação: 9.06.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Neves, P. (2026). Entre ciência, espiritualidade e sonhos: Conversando com Jaider Esbell sobre a arte indígena contemporânea. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.1>

Texto expandido com acréscimo da entrevista realizada no dia 10 de fevereiro de 2018 com o artista Jaider Esbell publicado no livro "A arte indígena Contemporânea: o trabalho de Jaider Esbell como um contraponto a indústria cultural", (2022). Parte dessas informações foram compiladas do artigo apresentado a Universidade de Brasília - UnB, como parte das exigências do Curso de Especialização em Estudos Amazônicos 2025-26 – CEEAz/CEAM, para avaliação no Eixo Temático 3 – Povo Originários, Populações e Comunidades Tradicionais na Amazônia; Fundamentos de Ecologia e Conservação na Amazônia. Assino o artigo como segundo nome indígena do povo Macuxi; Paulo Thadeu Kai'kan.

Boa Vista – Roraima, 08 de março de 2026.

## RESUMO

Apresentamos neste texto o debate sobre o diálogo proposto pelo artista indígena do povo Macuxi, Jaider Esbell (1979-2021), um dos protagonistas na arte indígena contemporânea na Amazônia e no Brasil. Como suas obras conseguiram envolver ciência, espiritualidade e sonhos, ampliando a análise além das fronteiras do conhecimento ocidental e indígena, colocando a arte como prática de resistência e decolonização. O estudo se baseia nas afirmações do artista por meio de uma entrevista publicada de forma inédita no livro *A arte indígena contemporânea – o trabalho de Jaider Esbell como um contraponto à indústria cultural* organizado pelo pesquisador Paulo Thadeu Franco das Neves que destaca uma viagem pelo "cosmo" da arte indígena contemporânea conceituada pelo artista. O texto aqui proposto, apresenta na segunda parte, uma análise do pensamento complexo e a arte indígena contemporânea, fazendo uma leitura das obras do artista no ensino de ciências, estudo apresentado pelos professores Elemar Kleber Favreto e Josie Agatha Parrilha da Silva. E por fim, a busca pela ancestralidade através dos sonhos destacado pelas vivências de escritores indígenas como Julie Dorrico, Daniel Munduruku, Gustavo Caboco, Jaider Esbell e o autor deste artigo. Nesse triangular diálogo da ciência, espiritualidade e sonhos está o protagonismo de Jaider Esbell para apresentar ao grande público a imagem de uma Amazônia de várias Amazônias, numa percepção de mensagem da arte indígena contemporânea: a cosmovisão de povos originários. O respeito a natureza, nesta abordagem, é entendido como um ser vivo e parte de um todo interconectado, não apenas um recurso a ser explorado. São novas narrativas estéticas e políticas no campo da arte dentro da própria Amazônia.

**Palavras chave:** Arte indígena contemporânea; Amazônia; Jaider Esbell; espiritualidade; decolonização.

## RESUMEN

Este texto presenta un debate sobre el diálogo propuesto por el artista indígena Macuxi Jaider Esbell (1979-2021), figura destacada del arte indígena contemporáneo en la Amazonía y Brasil. Esbell analiza cómo sus obras lograron abarcar la ciencia, la espiritualidad y los sueños, expandiendo el análisis más allá de los límites del conocimiento occidental e indígena, posicionando el arte como una práctica de resistencia y descolonización. El estudio se basa en las declaraciones del artista en una entrevista publicada inédita en el libro "Arte Indígena Contemporáneo: La Obra de Jaider Esbell como Contrapunto a la Industria Cultural", editado por el investigador Paulo Thadeu Franco das Neves, que destaca un recorrido por el "cosmos" del arte indígena contemporáneo conceptualizado por el artista. El texto aquí propuesto presenta, en su segunda parte, un análisis del pensamiento complejo y el arte indígena contemporáneo, interpretando las obras del artista desde la perspectiva de la educación científica. Este estudio fue presentado por los profesores Elemar Kleber Favreto y Josie Agatha Parrilha da Silva. Y, finalmente, la búsqueda de la ascendencia a través de los sueños, resaltada por las experiencias de escritores indígenas como Julie Dorrico, Daniel Munduruku, Gustavo Caboco e Jaider Esbell. Em este diálogo triangular de ciencia, espiritualidad y sueños, Jaider Esbell cobra protagonismo al

presentar al público general la imagen de una Amazonía de muchas Amazonías, reflejando el mensaje del arte indígena contemporâneo dentro de la cosmovisión de los pueblos indígenas, respetando la naturaleza, vista como un ser vivo y parte de un todo interconectado, no como un recurso para ser explotado. Estas son nuevas narrativas estéticas y políticas en el campo del arte dentro de la propia Amazonía.

**Palabras clave:** Arte indígena contemporâneo; Amazonía; Jaider Esbell; espiritualidad; descolonización.

## 1. INTRODUÇÃO

A Arte indígena contemporânea brasileira amazônica é de fato um assunto novo e pouco debatido nos meios acadêmicos, portanto, sujeita de amplos estudos e de análise conceitual. Para o artista Jaider Esbell, como algo novo, está obscuro ainda ao olhar de quem longe está desses circuitos. O artista nasceu no ano de 1979 no município de Normandia (RR) distante 187 km de Boa Vista, capital do estado de Roraima, Brasil. Jaider pertenceu ao povo indígena Macuxi e desde pequeno exerceu suas habilidades artísticas em pintura e escrita. Sua primeira obra escrita e publicada foi o livro 'Terra de índio: uma geopoética', (EdUFRR, 2012). É considerado por muitos como um dos protagonistas na América Latina de furar a "bolha" da indústria cultural com a arte indígena contemporânea. Sua produção transita entre a literatura, as artes visuais e a curadoria. O diálogo com essa indústria tem o seu limite, mas sem pretensão de rompimento, é fazer um contraponto, como afirma Esbell,

É necessário acessar os mecanismos e não se consegue exposição, sem agência. O caminho contrário ao apelo da sensualidade, a argumentação de uma base religiosa ou sensacionalista não pautam meu trabalho diretamente. Não estando nestes requisitos e por força do fazer-se cria-se outra 'fatia de mercado' para 'consumir' tal novidade. (ESBELL, 2018 *apud* NEVES, 2022, p.14).

Podemos afirmar que a arte indígena contemporânea se tornou um movimento mundial encabeçado por vários artistas indígenas, e o indígena Macuxi Jaider Esbell está entre os nomes mais significativos com sua produção que alcançou reconhecimento nacional e internacional. Sua obra integra a tríade ciência, espiritualidade e sonhos, como campos de conhecimento que não se excluem, mas se completam. Este artigo propõe analisar esse protagonismo de Jaider Esbell e sua participação na consolidação da arte indígena contemporânea na Amazônia.

## 2. JAIDER ESBELL E ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

O olhar sobre a arte indígena sempre foi de forma etnográfica, seja por meio dos chamados 'artesanato indígena' tais como: brincos, pulseiras, colares ou cestarias, balaios, peneiras e utensílios do trabalho indígena, como também vassouras de palhas e colheres de madeira. Ou ainda, de rituais com cânticos e danças. Porém, como expressão artística autônoma, nunca teve esse olhar da

grande mídia hegemônica pautada pela indústria cultural.

Estaria disposta a indústria a uma reinvenção total capaz de vender a verdade trocando as lágrimas emocionadas da grande enganação pelas emoções da verdadeira vida nua. Como um passar de tempo é preciso medir a transição. Uma prévia ambientação é necessária para não mais traumas e não mais mistérios sobre a linha forte que une a arte e a vida mostrada e vivida com maestria. Quanto custo? o preço dos meus sonhos. (ESBELL, 2018, *apud* NEVES, 2022, p. 13).

O protagonismo de Jaider Esbell não se limita à produção individual, mas também como curador. O artista em 2013, organizou a Mostra de Arte Indígena Contemporânea em Boa Vista, Roraima. Essa iniciativa pioneira projetou diversos artistas para o cenário nacional. Nos meses de outubro e novembro de 2021 foi um dos articuladores para a realização da 34 Bienal de São Paulo, que naquele ano apresentava trabalhos de dezenas de artistas indígenas com foco no tema "Faz escuro, mas eu canto", referência ao poema "Faz escuro, mas eu canto: porque a manhã vai chegar" do poeta amazônida Thiago de Mello<sup>1</sup>. O artista apresentou trabalhos que dialogavam diretamente com a cosmologia Macuxi. A participação dos artistas indígenas na bienal foi um marco da entrada definitiva da arte indígena contemporânea nos grandes circuitos institucionais.

Além de Jaider Esbell, outras artistas da Amazônia usam a arte como sentido de existência e reexistência propondo um chamado decolonizador (ou decolonial). Artistas como Denilson Baniwa do estado do Amazonas, atuando na colagem e performance para misturar referências tradicionais contemporâneas. Ainda temos a artista visual, educadora, ativista e comunicadora Daiara Tukano, que utiliza a arte para promover o pensamento crítico e a luta pelos direitos dos povos indígenas. Com destaque para Auá Mendes, amazonense do povo Mura, conhecida por utilizar suas obras como ferramenta de fala política. E ainda Ibã Huni Kuin, do povo indígena Kaxinawá do estado do Acre, trabalhando com curador e exposições e debates sobre a arte indígena contemporânea. Nesse cenário, a Amazônia se torna um polo de produção e visibilidade de artistas, produtores e escritores indígenas em visibilidade, ao mesmo tempo em que é palco de intensas disputas territoriais e culturais.

## 3. CIÊNCIA, ESPIRITUALIDADE E PENSAMENTO

Quando falamos da tríade ciência, espiritualidade e pensamento, temos que reportar ao passado desde o nascimento físico a nossa contemplação espiritual. Essa imersão nos faz entender e respeitar a nossa ancestralidade. Segundo o escritor Gustavo Caboco (2019, n.p.), os corpos-memórias são vivos.

"(...) mesmo após a combustão, não apagarão a nossa memória. A nossa espiritualidade está conectada com a nossa ancestralidade". (CABOCO, 2029, n.p.).

<sup>1</sup> Amadeu Thiago de Mello foi um poeta, jornalista e tradutor brasileiro considerado considerado um dos maiores nomes da literatura no Brasil e no mundo; um ícone da literatura regional amazônica. Amazônia Real.

É a busca por um propósito, sentido de vida. Chega a ser coletivo numa cosmovisão. Os sonhos também são coletivos quando representam desejos únicos de uma comunidade, mas enquanto fenômeno individual ou de experiência mental pode servir de conexão para a espiritualidade. É o respeitar pelos mais antigos, suas histórias também se conectam. É quando o passado, presente e futuro se encontram gerando um eternismo aqui representado pela ciência, espiritualidade e pensamento. Seria esse o caminhar da arte indígena contemporânea numa demonstração de provocação?



Figura 1: ESBELL, Urubua Kamiranga, 2018.

Fonte: obra doada pelo artista ao autor deste artigo e guardada com muito carinho.

Para Esbell, os sonhos constituem um método de conhecimento legítimo, articulando o visível com o invisível. São as tradições xamânicas amazônicas, em que o sonho é espaço de aprendizado, mediação, respeito entre humanos e não humanos. Existe uma certa desestabilização do paradigma científico ocidental, ao reconhecer o sonho como uma fonte epistemológica. Numa abordagem com enfoque as CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), estudo pedagógico que busca promover a alfabetização científica e tecnológica nos alunos, conectando o conhecimento científico com as suas implicações e impactos sociais no mundo real, (Favreto & Silva, 2021, apud Neves), usaram uma obra do artista Jaider Esbell para fazer um contraponto ao conhecimento disciplinar que a razão instrumental da civilização ocidental oferece.

Ao realizar a leitura de suas telas, conseguimos identificar dimensões da humanidade que não imaginávamos conhecer a partir da arte ocidental. Se a ideia de complexidade permeia todo o universo multidimensional do conhecimento, é necessário que estejamos dispostos a colocar em xeque as “verdades” que julgamos ter adquirido ao longo do tempo. O ensino de ciências com enfoque CTS exige que esta complexidade esteja presente na reflexão do professor e dos estudantes, de modo a possibilitar-lhes não só uma visão mais ampla da realidade que os cerca, mas, acima de tudo, uma humanização da Ciência e Tecnologia. (FAVRETO & SILVA, 2022, apud NEVES, 2022, p. 69).

Já Esbell reafirma o diálogo crítico com a ciência, questionando sua pretensão de universalidade.

Sua arte denuncia o extrativismo epistemológico e material da Amazônia, ao mesmo tempo apresenta alternativas no bem viver indígena, se aproximando de outras posturas.

#### 4. ENTREVISTA COM JAIDER ESBELL



Figure 2. Paulo Thadeu ka'ikan dialogando com o artista Jaider Esbell.

Fonte: Arquivo pessoal no lançamento do livro “Recortes, crônicas e Reflexões”, NEVES, 2018.

Entrevista realizada no dia 10 de fevereiro de 2018 com o artista Jaider Esbell publicado no livro “A arte indígena Contemporânea: o trabalho de Jaider Esbell como um contraponto a indústria cultural”, (Neves, 2022, pp. 11 - 16).

**Paulo Thadeu Kai'kan:** “Segundo Adorno E.J” Sob o poder do monopólio, cada cultura de massas é idêntica” [J diz ainda que, E.] “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo propositalmente” com essas citações, qual a sua posição frente à indústria cultural?”

**Jaider Esbell:** “Todas as afirmações categóricas são passíveis de desconstrução. Como toda lei, há brechas para algo que fica livre dos braços, das mordanças do cômputo das competências que lhe são empregadas. A Indústria Cultural como algo criado em si mesmo há tempos perde-se no termo como parte substancial do capitalismo. A ideia de controle e medidores não são eficientes. A ideia parte de um controle de poder sobre a produção e sobre o consumo de bens culturais. Eis o grande fiasco. Algo poderia e foi válido por um curto surto de tempo, um pico, algo como um trepidar momentâneo. Quando o bem cultural é algo físico, passível de um preço pagável ele está em seu estágio essencial. Essencial para provável controle e criação de um desejo latente de consumo a pulso, eis a hora de fazer dinheiro fácil. A indústria cultural se vê desmoronando quando esse algo cultural não obedece às leis meramente mercadológicas/ideológicas do lucro pelo lucro contínuo. Existe toda uma existência paralela à ideia de indústria cultural que não é bem explorada, e que diz muita coisa, vende muita coisa sob outros valores. Esse algo porém está além dos holofotes da grande indústria pois ocupa campos mortos ao olhar crivado do marketing avassalador, escapa por dar trabalho aos operadores especulativos oficiais. Trabalhos alternativos caminham beirando os mesmos caminhos da grande indústria. É um caminho legítimo, um caminho de estratégia e propósitos próprios. É de gente e agência que se fazem as trajetórias e visibilidade planejada parece algo impensável quando não se está de todo cercado pelas artimanhas do grande capital, quando dele se precisa exatamente para mostrar-se ao contrário. É algo de que se tem que ter muito mais que vontade, tem muito mais que energia para transpor a ilusão de que é na maioria que se deve estar. Talvez a estratégia de reconhecer que a indústria cultural exista seja a porta de entrada para estar no mundo com a mesma força, para outros alcances. Deve haver um além de estar no rádio ou no cinema hoje não é estar lá como antigamente, ao menos não deveria. Não ao menos para o meu caso em especial que estou na porta de todas as mídias e manhas e não vendo um produto exatamente definido, falo de um produto que sou eu mesmo mais da metade desse produto. E que talvez eu represente algo que a indústria cultural gostaria que não existisse, um lugar tão diverso e com a força mais sólida que seus booms ocasionais. Falo com a boca fechada, com os braços soltos, ando rente a amarras como não sou algo interpretável, como por força e distinção me meto decidido a fazer parte, a brigar com arte por uma desromantização épica de nossa própria origem não é o foco dessa indústria clássica. Não mais vendendo fantasia pelo que irá se interessar a indústria cultural? Estaria disposta a indústria a uma reinvenção total capaz de vender a

verdade trocando as lágrimas emocionadas da grande enganação pelas emoções da verdadeira vida nua. Como um passar do tempo é preciso medir a transição. Uma prévia ambientação é necessária para não mais traumas e não mais mistérios sobre a linha forte que une a arte e a vida mostrada e vivida com maestria. Quanto eu custo? O preço dos meus sonhos. Em noites plenas sou grátis em turbulência como vive o mundo agora nem por um bilhão. Não há preço, há precisão na medida de dizer sim e dizer não. Subvertemos a regra da meritocracia merecendo muito além do que nos é negado. Não há que esperar ser visto, não há razão para temer a visibilidade quando se sabe o seu próprio sentido de ir fazendo-se na reciprocidade. Usar, devemos usar as mesmas plataformas para andar no mundo e estudar o efeito contrário das estruturas evitando as armadilhas básicas do ilusionismo midiático que tanto ofusca e dissipa o som da multidão que grita em agonia e o sequestrador entende que é felicidade, pois só infelizes pagam para ter a felicidade não vendemos felicidade pronta mas algo pensado na medida exata para cada um que acredita em seu eu interior como algo sagrado a revelar-se, a revelar-lhe o mundo sem qualquer enganação.”

**Paulo Thadeu Kai'kan:** “Arte indígena contemporânea versus indústria cultural. A arte de Jaider Esbell passa pelo filtro da indústria cultural?”

**Jaider Esbell:** “De fato não me assustam mais os limites das coisas. Estando bem perto dos limites vejo que são invisíveis, eles simplesmente desaparecem. A indústria cultural é algo aparentemente pronto esperando algo para agitar seu existir. Talvez eu tenho todos os requisitos de que se serve a indústria cultural. Embora eu venha por caminhos distintos é no caminho de grande mídia que busco dar vazão ao meu trabalho. Os caminhos do reconhecimento são longos e estar ao alcance é necessário. É necessário acessar os mecanismos senão se consegue sem exposição, sem agência. O caminho contrário ao apelo da sensualidade, a argumentação de uma base religiosa ou sensacionalista não pautam meu trabalho diretamente. Não estando nestes requisitos e por força do fazer-se cria-se outra “fatia” de “mercado” para “consumir” tal novidade. A arte indígena contemporânea brasileira, amazônica é de fato algo novo na mesa do mundo. Como algo novo está obscuro ainda ao olhar de quem está longe está destes circuitos. Para a sua origem é algo denso, firme e bem ancorado e vende. Não é pretensão alguma romper com o até então feito e efeito maior do mercado. É fazer parte compondo um contraponto. Nesse sentido, a arte de Jaider Esbell revela uma demanda atendida que a indústria vê e paulatinamente começa a fazer sinais de aproximação provocando usando uma artimanha conhecida, a de atrair por encantamento. Quando a esta artimanha há antídoto, jogar sem ilusão, apostar no seu sentido central a sua base de origem”.

**Paulo Thadeu Kai'kan:** “Segundo Adorno os “talentos já pertencem à indústria cultural, muito antes de serem apresentados por ela: de tal modo não se identificaria tão fervorosamente””: Você se considera parte integrante dessa indústria cultural?”

**Jaider Esbell:** “Eu carrego em minha existência muito do que busca a ideia de mundo novo, a indústria cultural. Algo que reverbera com a força, com plenitude,

algo que tenha algo a encantar. Em minha existência tem muito do que se serve indústria, do que ela se alimenta. Estética, ética transgressão. Subversão, um bom argumento, uma história própria, um aparente produto à venda. É uma existência repleta de todas as possibilidades, algo de que nem mesmo temos ideia de nossa capacidade inteira”

**Paulo Thadeu Kai'kan:** “Quais os meios de mídia/diálogo que você usa para divulgar seus trabalhos e ações culturais? A publicidade é sua aliada na divulgação dos seus trabalhos?”

**Jaider Esbell:** “Hoje eu uso todos os meios de que consigo alcançar. Faço experimentações coletivas, vou onde o povo chama sempre que consigo. Ao meu modo eu busco dizer algo apenas passando por uma caçada, ficando calado olhando para o tempo. Os trabalhos de maior alcance estão no cinema aliado a outros afazeres, a literatura somada como visualidades. A espiritualidade vivida e não representada é um forte meio de alcance. Eu faço um trabalho continuado nas redes sociais. Especialmente eu uso Facebook, tenho um site um espaço físico na capital de Roraima, algo como um centro de referência e dispersão tanto para dentro do “mundo Indígena” quanto para fora”.

**Paulo Thadeu Kaikan:** “Adorno afirma que “atualmente as obras de artes são apresentadas como slogans políticos. E como ele, inculcado a um público relutante a peças reduzidas. Elas tornam-se tão acessíveis quanto aos parques públicos” nesse sentido, como você avalia essas afirmações, em se tratando um “suposto” paralelo com as suas obras?”

**Jaider Esbell:** “Eu faço em média até 3 peças de arte por dia. Estas peças podem ser desenhos, pinturas, falas, frases, poemas, textos, vídeos, etc. Considerando que minha exposição midiática teve início em 2009 e desde então tenho mantido essa média de produção, são aproximadamente dez mil peças produzidas até então. Eu devo ter uma atuação divergentes da abordagem política partidária simples tal qual conhecemos. Eu imagino que o que você queira dizer é que a vida do artista apareça atrelada a uma bandeira onde ali este finque seu trabalho para eleição, a ideia do slogan seria isso, algo que se possa trocar conforme cada campanha. Em acertando sobre seu intento e convidando a uma profundidade maior em meu posicionamento político verá a simples complexidade. É um correr adiante, um alarmar que essa política da qual sobramos nem precisaria existir caso tivéssemos outros cuidados anteriores. Não há um slogan na linha de frente do meu trabalho. Trabalho com política deliberadamente, a política maior de desconstrução total de plataformas sólidas, concretas. Trabalho deliberadamente com a política de desestabilizar, tirar do centro, deixar o ambiente propício para novas ou outras que sejam, experimentações. O meu trabalho é o topo, minha obra é o todo, hoje é muito mais difícil de compreender, de sentir, de ver. Hoje com a quebra definitiva dos limites e categorias fechadas para a arte e o pensamento, muito mais fluidos podemos ser artistas, e também é mais fácil de medir as influências que nossa política pode causar no todo”.

## 5. CONCLUSÃO

Os trabalhos de Jaider Esbell estão em conexão permanente com a Amazônia. Sejam através dos sonhos, dos sentimentos e até mesmo da própria ciência. O legado de Jaider Esbell permanece como referência para compreender a arte indígena contemporânea.

Ele ancestralizou precocemente em novembro de 2021, em plena realização da 34 Bienal de São Paulo. Eu estava lá. E chorei. Sua partida não diminuiu o impacto de suas propostas. Entre ciência, espiritualidade e sonhos, sua obra nos faz pensar os diversos caminhos oferecidos para a decolonização da arte e a construção de diversos mundos. Como o das encantarias, o mundo da cobra grande, entidade presente na cosmologia de diversos povos amazônicos.

A espiritualidade em sua arte não é ornamentação, mas algo de criação, com fundamento e um mix de realidades. Sua estética é, portanto, espiritual que se materializa, reafirmando o elo entre a arte e cosmologia pura da Amazônia. A arte indígena contemporânea rompe hierarquias coloniais que se relegavam ao campo da etnografia.

## 6. REFERÊNCIAS

- Caboco, Gustavo, Barraz Kawau (2019). *Impressão Indígena*, n.p.
- Favreto & Silva, Elemar Kleber, Josie Agatha Parrilha da. (2022) O Pensamento complexo e a arte indígena contemporânea: uma leitura da imagem com enfoque CTS no ensino de ciências, 2022, apud NEVES, Paulo Thadeu Franco das Neves, A Arte Indígena Contemporânea - o trabalho de Jaider Esbell como um contraponto a indústria cultural, *Boa vista, Roraima: Casa Editorial*, pg. 69.
- Neves, Paulo Thadeu Franco das. (2022) Arte Indígena A Arte Indígena Contemporânea - o trabalho de Jaider Esbell como um contraponto a indústria cultural, *Boa Vista, Roraima: Casa Editorial*, pp. 13-14, pp.11 – 16.

